

CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO LEITOR: UM PROJETO DE LEITURA

Cristiana Quadros de Medeiros (Autora)
Jane da Costa Naujorks¹ (Orientadora)

Resumo: O presente artigo tem por objetivo promover uma reflexão sobre a leitura presente na escola e a importância de um trabalho que vise o aluno leitor, considerando a situação precária das atividades leitoras no ensino aprendizagem de Língua Portuguesa. Questionam-se as práticas centradas na mera identificação e classificação de elementos presentes nos textos. Tais procedimentos não exploram a leitura como o processo complexo que ela realmente é. Preconiza-se neste artigo o pressuposto de que há uma relação complexa entre autor, leitor e texto, de forma que o leitor é parte fundamental do processo de leitura, pois é nele que os sentidos se constituem. Sendo assim, percebe-se a necessidade de apresentar um projeto de leitura que dê conta da formação do leitor no ambiente escolar. A partir de uma proposta de análise de textos, sugere-se um projeto de leitura que torne o aluno sujeito desse processo, fazendo-o perceber sua capacidade de atuar socialmente, discursivamente e levando-o a expressar sua opinião.

Palavras-chave: Leitura; ensino; projeto.

Introdução

Nos dias atuais, não é novidade falar em leitura, principalmente quando se trata de reconhecer que o aluno não sabe ler, e que a leitura tem sido um dos maiores problemas no processo de ensino aprendizagem, e isso não é de hoje. Todos sabem que a leitura é o caminho para o desenvolvimento cultural, social e econômico de uma nação. No entanto há uma barreira que separa o que se pensa sobre leitura e o que realmente ocorre no processo de ensino aprendizagem.

É na escola que o aluno tem o primeiro contato com o mundo da escrita, no sentido de ser participante do processo, de produzir e entender seu texto e o de outros. Antes disso, o aluno é participante de uma sociedade letrada, e por isso já sabe o que é ler, pois como diz Paulo Freire, a primeira leitura é a leitura de mundo.

Este artigo, com vistas a este processo complexo, apresenta uma reflexão sobre a leitura presente na escola e a necessidade de especificar um projeto que dê conta da formação do leitor

¹ Professora da 8ª edição do Curso de Especialização em Gramática e Ensino de Língua Portuguesa – UFRGS.

no âmbito escolar. É preciso reconhecer que existe uma relação complexa entre autor, leitor e texto no ato da leitura e essa deve ganhar um lugar privilegiado no ensino de Língua Portuguesa, e, para isso, o trabalho com o texto deve considerar tanto o processo de escrita quanto o processo de leitura.

1 A leitura no ambiente escolar

Durante décadas o ensino de Língua Portuguesa esteve centrado no ensino da gramática prescritiva, com objetivo de identificar, classificar e definir os elementos da gramática. As aulas eram baseadas quase que unicamente em análise de frases fora de contexto, com atividades de decoreba, de repetição, de forma que os alunos, após a definição dada pelo professor, deveriam identificar e classificar os elementos ali presentes. Dessa forma, o ensino de língua materna não possibilitava ao aluno um aprendizado real, em que ele pudesse fazer uso do conhecimento que já possui e, ainda, impedia que esse aluno pudesse refletir sobre o real uso da língua, o que não contribuía, em nada, para desenvolver, no aluno, sua competência linguística.

Quando o texto entrava nas aulas de Língua Portuguesa, era uma prática descontextualizada e repleta de conhecimentos específicos que formavam um aluno leitor desestimulado e incapaz de explorar a leitura em seus mais diversos âmbitos. A leitura servia apenas para transmissão de conhecimento, para o aluno buscar respostas, previamente estabelecidas, em um texto totalmente descontextualizado. Sendo assim, o aluno limitava-se a uma compreensão superficial, cujas informações destacadas do texto não faziam nenhum sentido que não o de responder ao que a professora ou o livro didático estabeleciam.

Aos poucos esta mentalidade foi mudando. Apesar de ainda presenciarmos esta prática de os docentes usarem o texto como pretexto para ensinar regras e exceções da gramática prescritiva, ela está sendo abandonada e está cedendo lugar ao trabalho de leitura e escrita.

De acordo com Oliveira (2004, p. 2),

Os estudos linguísticos mais recentes apontam para uma nova metodologia de ensino que enfatiza as reais necessidades de se ter a escrita como prática constante. A solicitação de produções com objetivos evidentes fazem o aluno perceber a utilidade desse exercício e que, portanto, o seu trabalho tem um objetivo.

Com esses objetivos para o ensino de Língua Portuguesa, há um reconhecimento de que a

escola, que é o lugar onde o aluno tem o seu primeiro contato formal com a escrita, deve redimensionar suas atividades de modo que o aluno possa ser o sujeito desse processo. Sendo assim, o trabalho com o texto, as atividades de escrita e leitura, estão assumindo um lugar de destaque no ensino, sendo relevante, em sala de aula, o predomínio de atividades com o texto. Percebe-se a importância de ensinar Língua Portuguesa com atividades de escrita e leitura, pois, somente desse modo, o aluno começa a entender o seu texto e o dos outros, podendo atuar criticamente no meio onde vive.

Sabemos que é a escola que deve preparar o aluno para a leitura. Porém, devemos abandonar a ideia de que é apenas o professor de língua materna o responsável pelo ensino de leitura. Os professores de todas as disciplinas têm o papel de ensinar a ler, pois em todas o trabalho consiste em atividades textuais que exigem o exercício de interpretação e compreensão. É evidente que toda e qualquer atividade desenvolvida em sala de aula requer a participação dos alunos no sentido de compreender o que está sendo lido e de refletir sobre o processo.

Como salienta Lajolo (1994, p. 108):

A discussão sobre leitura, principalmente sobre a leitura numa sociedade que pretende democratizar-se, começa dizendo que os profissionais mais diretamente responsáveis pela iniciação na leitura devem ser bons leitores. Um professor precisa gostar de ler, precisa ler muito, precisa envolver-se com o que lê.

Portanto, para que a leitura seja trabalhada adequadamente na escola, propondo atividades de compreensão e interpretação que sejam significativas para a formação do aluno, os professores devem ter um bom repertório de leitura. Se a leitura for trabalhada de forma errada, sem objetivos concretos, apenas com a proposta de extrair respostas prontas do texto para perguntas ingênuas, presentes em livros didáticos, por exemplo, a leitura será uma perda de tempo.

Assim como afirma Possenti (1994, p. 29),

[...] há diretores, coordenadores e mesmo professores, entre eles professores de Português, que acham que ler não é trabalho. Se isso acontecesse numa obra de construção civil ou num quartel, não seria surpreendente, mas numa escola, e mais, numa aula de Português, quiçá de Literatura, isso é sintoma de algo grave. De alguma praga.

Apesar de termos a ciência de que todos os professores devem *ensinar*² leitura, sabemos que a maior responsabilidade fica por conta do professor de língua materna. Sendo assim, o ensino

2 Ensinar leitura, neste contexto, não está relacionado com o conceito da palavra ensino. Não se trata de ensinar regras ou como se faz; a leitura é vista como uma prática constante, um ato complexo que encaminha o aluno para a reflexão sobre a língua em uso e torna esse aluno o sujeito do processo de leitura.

aprendizagem de Língua Portuguesa deve promover a ampliação do conhecimento linguístico do aluno e a aquisição de novas habilidades. A comunicação e a capacidade discursiva do aluno devem ser os principais objetivos das aulas de Língua Portuguesa, e, para que haja comunicação, é necessário que o professor trabalhe com variados textos, para que o aluno descubra as diversas formas de uso da língua.

No entanto, a simples presença de textos nas aulas de Língua Portuguesa não desperta o prazer pela escrita e nem pela leitura. A forma com que o professor irá conduzir as atividades é o que fará com que o aluno se interesse ou não pela leitura. É necessário conviver com as práticas de leitura de forma natural, pois o aluno precisa se acostumar com o exercício da leitura e da escrita, para perceber que é um sujeito capaz de atuar na sociedade, exercitando a sua capacidade discursiva e exprimindo a sua opinião de acordo com as diversas situações que lhes são propostas, pois cada texto exige uma linguagem diferente.

Toda educação verdadeiramente comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para o desenvolvimento da capacidade de uso eficaz da linguagem que satisfaça necessidades pessoais – que podem estar relacionadas às ações efetivas do cotidiano, à transmissão e busca de informação, ao exercício da reflexão. De modo geral, os textos são produzidos, lidos e ouvidos em razão de finalidades desse tipo. Sem negar a importância dos que respondem a exigências práticas da vida diária, são os textos que favorecem a reflexão crítica e imaginativa, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada (PCN, p. 25).

E é o trabalho de leitura e escrita desses diferentes textos que permitirá ao aluno mobilizar os diversos tipos de conhecimento, suscitados pela leitura, e atribuir sentidos ao texto lido.

2 A leitura é um ato

Pensamos, assim como Paulo Freire, que a leitura é um ato, uma vez que estabelece uma relação entre sujeitos: leitor, texto, autor. Esse ato, do sujeito que se constitui como leitor, é tanto uma atividade que proporciona momentos de prazer ao leitor, quanto uma atividade de busca de sua identificação, de suas referências, de seu contexto. Sempre escutamos que ler nos transporta a outros lugares, pois, enquanto lemos, deixamos de lado o mundo ao nosso redor para entrar na história que nos está sendo apresentada. Porém, esse momento de fruição não é tão ingênuo quanto pensamos, pois, ao ler, o indivíduo executa trocas de conhecimento e estabelece relações que o levam a se constituir como cidadão.

A leitura é um ato porque é capaz de estabelecer a integração entre o indivíduo e o contexto em que vive e atua. A partir da leitura, o leitor faz ligações do que lê com suas vivências e experiências. Portanto, apesar de parecer um ato solitário, a leitura estabelece um relacionamento entre interlocutores.

Há uma relação mais distante que ocorre entre o leitor e o autor do texto. Este, no momento da criação, pressupõe um leitor e se esforça para dizer coisas que façam sentido. Autor e leitor nunca estão sozinhos, a leitura “se constitui ponto de encontro entre dois sujeitos: o que o escreve e o que o lê; escritor e leitor, reunidos pelo ato radicalmente solitário da leitura, contrapartida do igualmente solitário ato de escritura” (LAJOLO, 1988, p. 52).

Do outro lado, o leitor está disposto a constituir sentidos para o texto que lê, mas, ao contrário do que a escola insiste em propor, o leitor não deve priorizar o que o autor quis dizer. Como afirma Soares (1991, p. 18), a leitura “é interação verbal entre indivíduos, e indivíduos socialmente determinados: o leitor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e com os outros; o autor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e com os outros [...]”. Sendo assim, o autor está presente no momento da escrita do texto, na instância da leitura, pois, ao ler, o indivíduo constitui sentidos para o texto que supõe a presença desse autor. No entanto, muito além de preencher as supostas lacunas deixadas pelo autor na escrita do texto, o leitor tem o papel de cooperar nessa relação ultrapassando a presença do autor, impondo sua presença, pois neste momento há uma relação entre o leitor e o texto.

Assim, o leitor em seu ato de leitura busca constituir sentidos relacionados à sua própria história de vida. Na construção da escrita, assim como na da leitura, há a busca por uma sintonia que é avaliada em Orlandi (1988, p. 09) ao afirmar que “há um leitor virtual inscrito no texto. Um leitor que é constituído no próprio ato da escrita. [...] trata-se aqui do leitor imaginário, aquele que o autor imagina (destina) para seu texto e para quem ele se dirige”.

O sucesso de um projeto de leitura se dá quando há o objetivo de tornar o aluno um sujeito capaz de estabelecer relações entre os textos que lê, a sua vida e os elementos linguísticos ali presentes. Isso significa uma mudança do olhar do professor sobre a leitura e a escrita, pois a leitura envolve, também, e principalmente, uma relação entre leitor e texto. “O texto, estruturalmente incompleto, não pode abrir mão da contribuição do leitor” (JOUVE, 2002, p. 62). A leitura funciona como ponto de encontro entre leitor e texto, pois é nesse ato que o leitor se constitui como sujeito desse processo, interagindo com o texto de modo que sua vivência faça parte desse momento. Portanto, o projeto de

leitura que envolva compreensão e interpretação do texto não deve buscar compreender apenas o lado da pessoa que produziu o texto, ao contrário, deve propor uma troca de informações entre o leitor e este texto.

Assim como afirma Jouve (2002, p. 61), “a leitura, de fato, longe de ser uma recepção passiva, apresenta-se como uma interação produtiva entre o texto e o leitor”. No momento da leitura, ocorre um diálogo entre eles; há um envolvimento das vivências do leitor, seu conhecimento de mundo, as relações que ele tem com o texto e as associações que ele faz com as suas vivências. Como bem aponta Barthes (2004, p. 59), [...] é a linguagem que fala, não é o autor; escrever é, através de uma impessoalidade prévia [...], atingir aquele ponto em que só a linguagem age, “performa”, e não “eu”. É preciso abandonar o mito de que o autor é o dono da sua produção, pois o autor não fala, quem fala é a linguagem. Concordamos com Barthes (2004, p. 64), quando aponta que

[...] um texto é feito de escritas múltiplas, oriundas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação; mas há um lugar onde essa multiplicidade se reúne, e esse lugar não é o autor, como se disse até o presente, é o leitor: o leitor é o espaço mesmo onde se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que é feita uma escritura; a unidade do texto não está em sua origem, mas no seu destino [...]

Sendo assim, é necessário perceber que tão importante quanto o autor do texto, é o leitor. Ele é o sujeito do processo de leitura e é ele que mantém reunidos todos os traços que constituem o texto. “O texto não se explica a partir do conhecimento de quem o escreveu. Tentar entender a escritura a partir desse conhecimento significa dar ao texto um significado último. A unidade do texto, portanto, encontra-se no seu destino” (NAUJORKS, 2011, p. 96). A leitura é, portanto, um ato do sujeito que se apropria de um texto para produzir seu próprio texto.

Perceber as relações existentes entre autor, leitor e texto descritas acima faz com que o professor proponha atividades que utilizem o texto considerando a sua função interativa e estabelecendo relações entre a história de leitura do aluno e o texto. Dessa forma, o aluno desenvolve suas habilidades linguísticas e toma consciência de que a língua é um meio de interagir socialmente.

3 O projeto de leitura

É comum ouvirmos que a leitura deveria ser (ou é?) um hábito. Mas um hábito, por definição, é

repetitivo e mecânico. A leitura deve ser mais do que isso. E a escola, muitas vezes, ocupa-se em desenvolver métodos para o ensino dessa leitura mecânica, ficando mais preocupada em desenvolver nos alunos o hábito pela leitura sem objetivos concretos, apenas por orgulhar-se de ter alunos que leem. A dificuldade que os alunos demonstram ter ao se depararem com uma atividade de leitura nas aulas de Língua Portuguesa é o indicativo de que a leitura está sendo trabalhada de forma errada. Há, certamente, uma diferença entre o leitor que lê porque deve e o que lê porque quer, acreditamos que o trabalho com a leitura tenha como objetivo formar um leitor que seja uma espécie de síntese entre estes dois, “síntese em que a fruição advém da compreensão do processo de construção do(s) sentido(s) no ato da leitura” (JOVER-FALEIROS, 2013, p. 129).

Uma das barreiras que o aluno precisa enfrentar, com frequência, é o contato com textos que abordem temas que não fazem parte da sua realidade. Isso não significa que o professor deva levar para a sala de aula sempre os mesmos temas só porque o aluno lida bem com eles, os textos escolhidos pelo professor para as atividades de leitura podem apresentar temas novos, desde que despertem a curiosidade do aluno. O professor também deve ter em mente que um texto conhecido pode ter uma nova abordagem, trazendo novos significados.

A importância [...] de ler mais de um texto que trate do mesmo assunto, ou que com ele se relacione, explicitamente ou não, justifica-se por várias razões. Uma delas, talvez a mais banal: muitos textos, para serem lidos, demandam o conhecimento de outros textos. Sem esse conhecimento, os sentidos (ou boa parte deles) não poderiam ser construídos (CAVALCANTI, 2010, p.17).

Além disso, temos na escola a presença do livro didático que representa, muitas vezes, mais obstáculos do que facilidades para a leitura dos textos. Ao contrário de ter um papel de apoio aos professores, ele acaba assumindo o papel de centralizador no ensino aprendizagem de Língua Portuguesa, a ponto de cumprir as funções do professor. As atividades propostas nos livros didáticos, em sua maioria, trazem conteúdos estanques que não permitem ao aluno desenvolver sua capacidade de reflexão. Por isso, seguir à risca o que o livro didático propõe é perigoso, ele pode ser utilizado, mas sempre tomando o cuidado de incentivar uma discussão mais reflexiva da realidade.

De acordo com Kleiman e Moraes (1999, p. 91), “a principal tarefa da escola é ajudar o aluno a desenvolver a capacidade de construir relações e conexões entre os vários nós da imensa rede de conhecimento que nos enreda a todos”. E é por meio da leitura que acreditamos que se leve o aluno a desenvolver essa habilidade. Neste ponto, é importante destacar que, para tanto, é necessário deixar de lado as práticas de leitura centradas na pura decodificação ou na localização de elementos do texto e

partir para procedimentos que explorem a leitura além da superficialidade linguística, propondo um ensino que tome o texto como verdadeiro objeto de ensino de língua materna.

O resultado da atividade de leitura na sala de aula depende muito do encaminhamento que será dado pelo professor, qual será o diálogo proposto entre o texto e o aluno leitor. O desafio do professor de Língua Portuguesa ao trabalhar a leitura é despertar no aluno o prazer de ler, de fazê-lo enxergar essa atividade como uma prática que se faz necessária para toda a sua vida e que a melhor saída é trabalhar o seu convívio com ela da forma mais natural possível. O indivíduo que desperta para a leitura, torna-se, cada vez mais, capaz de entender o mundo que o rodeia e apto a propor mudanças.

Percebemos que o fracasso do trabalho de leitura e escrita nas aulas de Língua Portuguesa ocorre, na maioria dos casos, porque o professor fica apenas na teoria sem alcançar a prática pedagógica, que deveria priorizar a realidade social, informacional e linguística. Uma das questões que muitas vezes é desconsiderada pelo professor e que influencia diretamente no resultado da formação do aluno leitor é a coexistência das variantes da Língua Portuguesa. Apresentar textos que utilizam apenas a variante culta da língua não é eficaz na formação de um aluno que necessita dominar a leitura. Assim como dominar as variantes, sem valorizar apenas a variante culta, é habilidade que a escola precisa desenvolver no aluno, já que o aprendizado deve dar relevância à competência linguística desse aluno em sentido amplo. A escola tem a responsabilidade de formar um sujeito capaz de fazer o uso adequado das variantes da Língua Portuguesa nas diversas situações com que se depara em seu convívio social, e será a leitura de textos que possibilitará o contato com a língua em uso e o reconhecimento das variações desta.

Para tanto, o professor tem que assumir o seu papel de facilitador, do sujeito responsável por ajudar o aluno a encontrar o seu próprio jeito de ler. Isso não significa que o professor, ao ensinar, define ou decide os eventuais sentidos da leitura, mas se coloca como o agente que promove a relação entre o aluno e o texto. Há nestas aulas de leitura e escrita a tarefa de facilitar o acesso às informações e de colaborar no desenvolvimento de competências de leitura para que o aluno se sinta parte do processo de leitura.

Segundo os PCN (1997, p. 15) de Língua Portuguesa: “A escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos”. Porém, da maneira como está sendo apresentado o ensino de Língua Portuguesa, esses saberes linguísticos estão sendo trabalhados de forma limitada. Ainda, de acordo com os PCN (1997, p.16), “o domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de

plena participação social”. No sentido de possibilitar ao aluno essa participação, a leitura e a escrita devem entrar na sala de aula, considerando o aluno como sujeito do processo de leitura. Esse é o primeiro passo para um projeto que não seja apenas uma desculpa para o aluno preencher tempo na escola. Um projeto de leitura eficiente leva o aluno a refletir sobre a sua fala e sua escrita. Segundo Castilhos (2006), “achar que o ensino tem a ver com o que está codificado e encerrado na gramática, a partir do que devemos fazer exercícios, significa afastar o aluno da reflexão”, ou seja, devemos considerar o conhecimento prévio do aluno e aprofundar a sua capacidade de refletir sobre a linguagem.

O desafio do projeto de leitura está em tornar o aluno um leitor. E um leitor como antes já definimos: o sujeito que se apropria do texto e constitui sentidos ao que está posto. Essa não é uma tarefa fácil, pois a leitura ainda é trazida para a sala de aula como mera prática de decodificação. Por isso, na tentativa de auxiliar o professor a iniciar um projeto de leitura, destacamos, a seguir, alguns pontos que consideramos relevantes.

A leitura deve iniciar com o reconhecimento de uma unidade temática, procurando identificar suas partes constituintes, relacionar seu vocabulário ao tema dominante, reconhecer as unidades semânticas, tendo em vista uma compreensão global do texto. Pois, deve ficar claro ao aluno, e também ao professor que deseja tornar seu aluno um leitor, que a leitura não vai ocorrer com o entendimento das palavras separadamente, o sentido surgirá a partir do entendimento do todo, do conjunto das unidades que formam o texto.

Abandonar a velha prática de buscar o que o autor quis dizer ao escrever seu texto é fundamental. Pois, como já discutimos anteriormente, os sentidos se reúnem no leitor, e o autor não fala, quem fala é a linguagem utilizada pelo autor no momento da produção. Sendo assim, a leitura será uma tentativa de dar um sentido constitutivo ao texto. Para tanto, o aluno deverá fazer uso de processos e estratégias de leitura que lhe permitam compreender o significado global do texto, avançando e retrocedendo, conectando os seus conhecimentos prévios com novos conceitos, sendo possível, dessa forma, incorporar o seu conhecimento.

O projeto de leitura na escola tem por objetivo aprimorar a comunicação e a capacidade discursiva do aluno, para que esse aluno descubra as diversas formas de uso da língua. A leitura estabelece, portanto, uma relação com o sujeito tendo em vista a reflexão sobre a linguagem. “Apontamos que o ato/processo de leitura só se constitui se for levado em conta o uso da linguagem pelo sujeito” (NAUJORKS, 2011, p. 141), o aluno deve perceber, então, que ele precisa apropriar-se do

texto por meio da língua e só assim entender que a leitura depende dele, das relações que vai estabelecer com a linguagem, das suas referências como sujeito-leitor.

Para tanto, o professor pode estabelecer qual o olhar que será dado ao texto. Na verdade, é esse olhar que vai definir a relação que o aluno terá com a leitura e quais os resultados que serão obtidos por meio dela. O projeto de leitura que acreditamos ser profícuo para tornar o aluno um sujeito do processo de leitura depende de dois olhares sobre o texto: um global e outro específico.

O primeiro é a análise do texto em geral. Com esse olhar, o leitor buscará elementos que dizem respeito ao universo de referência do texto, seu tema principal, seu propósito ou intenção, sua função comunicativa predominante, etc. Todos esses elementos colaboram com o ato de interpretação, ou seja, da constituição de um sentido (ou sentidos) para esse texto. Pois, conforme Mendonça (2001, p. 245), “*Interpretar* um texto, nesse sentido é investigar não só seu conteúdo [...], mas refletir sobre aspectos pragmáticos e discursivos que constituem esse texto e o que o fazem ser aquilo que é [...]” (grifos da autora). A partir da análise global, o leitor se apropria da linguagem e reage ao texto segundo os sentidos que este faz para o leitor.

Outros elementos podem ser observados nesta análise geral, seguem alguns exemplos: o campo discursivo de origem ou circulação do texto; a direção argumentativa assumida; o critério de subdivisão em parágrafos; a vinculação do título ao núcleo central; a síntese global das ideias; o discernimento entre as ideias centrais e as secundárias; entre tantos outros que serão de grande importância para o processo de leitura.

O outro foco de análise do texto é mais específico. É centrado em aspectos mais pontuais da construção do texto. Com esta análise específica, o leitor estará observando com mais atenção o uso da linguagem. A partir da leitura analítica, o professor deve propor que os alunos observem, entre outros elementos, por exemplo: as expressões referenciais que introduzem os objetos de referência; as diversas funções da repetição de palavras ou segmentos maiores; os aspectos de significados de uma unidade ou de uma expressão; as elipses; os efeitos de sentidos pretendidos pela alteração da ordem canônica das palavras, etc.

Por meio da análise específica, o leitor passa a entender a função que os elementos assumem no texto e passa a estabelecer relações com a sua linguagem. O olhar analítico faz parte do processo de compreensão do texto, pois o leitor estabelece relações entre o conhecimento adquirido no texto e o seu conhecimento prévio. A análise específica permite que o aluno assuma seu papel de sujeito do processo de leitura, percebendo que a escolha das palavras, ou mesmo a ordem em que elas aparecem no

discurso não é ingênua, está sempre carregada de intenção.

Há outros pontos que podem ser considerados neste foco de análise, são eles: a concordância verbal e nominal e suas relações com a continuidade temática do todo ou de uma passagem; a presença de estruturas sintáticas paralelas; a ocorrência de paráfrase e suas marcas indicativas; o uso de dêiticos pessoais espaciais e temporais e a relação dessas expressões com elementos do contexto, etc. É no olhar analítico que o aluno vai assumindo o seu papel de sujeito do processo de leitura, se apropria do texto, reconhecendo as formas e compreendendo os sentidos, refletindo sobre a linguagem e considerando a função interativa da leitura.

Analisar o texto de forma global e analítica é, portanto, trabalhar com a língua em uso e, sendo assim, o projeto de leitura não necessita isolar elementos do texto para análise gramatical, assim como o aluno não precisa definir classes e decorar regras para aprender sua língua materna.

O projeto de leitura que considera essas análises propõe a leitura como ato de constituição de sentidos. E o aluno tem papel fundamental neste ato. Sujeito do processo da leitura, o aluno se apropria de um texto para produzir seu próprio texto.

Considerações finais

O presente artigo propôs uma reflexão acerca da situação da leitura como atividade nas aulas de Língua Portuguesa. Discutimos ao longo deste artigo que as aulas de língua materna durante muitos anos foram centradas nas atividades de repetição, de definição e classificação de elementos gramaticais e que, mesmo quando a leitura entrava na sala de aula, era usada como pretexto para extrair palavras e/ou sentenças com o objetivo de decorar regras e exceções da gramática prescritiva.

Iniciamos nossa discussão afirmando que essa realidade deve mudar. Que as aulas de Língua Portuguesa na escola tenham o objetivo de promover a reflexão linguística e tornar o aluno um sujeito capaz de atuar criticamente no meio onde vive por meio da sua língua. Que este aluno consiga perceber a variação linguística existente nos diversos textos que circulam socialmente e saiba utilizar nas situações adequadas. Para alcançar esses objetivos, afirmamos que a mentalidade dos professores deve mudar, mudando, também, a visão sobre as propostas de atividades de leitura no ensino aprendizagem de Língua Portuguesa.

Diante disso, apresentamos a leitura como um processo e afirmamos a necessidade de tornar o

aluno um sujeito desse processo. A partir dessa afirmação, abordamos as relações existentes no processo de leitura. São relações quase imperceptíveis, mas que são de grande relevância no processo de constituição de sentidos a partir da leitura. Há uma relação mais distante entre o autor e o leitor. A relação entre os dois está presente no momento da escrita do texto e na instância da leitura, pois, ao escrever, o autor pressupõe um leitor e diz coisas que façam sentido para este leitor e, ao ler, o indivíduo constitui sentidos para o texto que supõe a presença desse autor. Mas deve-se tomar cuidado ao relacionar autor e leitor nas atividades de leitura propostas no ambiente escolar, pois elas geralmente aparecem apenas com o objetivo de decifrar o que o autor quis dizer, fazendo o leitor tentar preencher lacunas supostamente deixadas pelo autor.

De outro lado, há uma relação mais fortalecida entre leitor e texto. É no ato da leitura que o leitor se constitui como sujeito desse processo, interagindo com o texto de modo que suas vivências façam parte desse momento. Aqui, destacamos que não é o autor quem fala no texto, e sim a linguagem, linguagem do texto, do leitor e do autor que, num processo de interlocução, complementam-se como sujeitos do ato de leitura. O leitor, portanto, é o lugar onde todos os sentidos se constituem, ele, no momento da leitura, se apropria do texto produzindo o seu próprio texto. A leitura produz sempre um novo texto.

Considerar a presença dessas relações levará o professor a propor atividades de leitura que darão conta de tornar o aluno um sujeito-leitor. Mais do que isso, o farão enxergar que a leitura é um ato e não uma técnica de decodificação e repetição mecânica. O objetivo do ensino de leitura deve ultrapassar a ideia de tornar a leitura um hábito, o aluno deve conviver com as práticas de leitura de forma natural, pois ele precisa se acostumar com o exercício da leitura e da escrita para exercitar sua capacidade discursiva, desenvolver sua competência linguística e exprimir suas opiniões de acordo com as diversas situações as quais é exposto diariamente.

Não só propusemos discussões, mas também nos posicionamos favoravelmente sobre a importância de definir um projeto de leitura que dê conta da formação do leitor na escola. Para construir seu projeto de leitura, o professor precisa desvincular suas atividades das propostas dos livros didáticos que, muitas vezes, trazem uma compreensão superficial do texto. É muito comum encontrarmos nos livros didáticos atividades que não propõem nenhuma reflexão, apenas analisam os elementos do texto de forma isolada, quando o que necessitamos é fazer uma análise do texto como uma unidade de sentidos.

Em função do aprimoramento do ensino aprendizagem de Língua Portuguesa por meio de um

projeto de leitura, outro aspecto abordado foi a importância de apresentar textos que versem sobre temas próximos à realidade do aluno. E isso não significa que o professor deva trabalhar com textos que abordem sempre o mesmo tema, as atividades de leitura podem apresentar temas novos, desde que despertem a curiosidade do aluno. Nesse caso, o professor deve ter em mente que um texto conhecido pode ter uma nova abordagem, trazendo novos significados. A questão dos temas se torna importante para que o texto não acabe se tornando uma barreira para a leitura. O aluno passa a perceber as relações entre os diversos textos lidos e também entre os textos e a sua realidade, constituindo sentidos e produzindo seus próprios textos.

Enfim, definimos dois focos de análise para os textos que consideramos importantes para a construção do projeto de leitura. Com o objetivo de analisar os textos sem olhar apenas para os conteúdos gramaticais, propusemos, então, atividades que os analisem em duas perspectivas, a global e a analítica.

A análise global leva em consideração, portanto, o texto como uma unidade. Com esse olhar, o leitor buscará elementos que dizem respeito ao texto inserido num contexto, às relações estabelecidas pelas referências que o texto traz, buscando as funções comunicativas e as intenções desse texto. A partir dessa análise global, o leitor se apropria do texto e passa a perceber os sentidos que este texto faz para ele.

O outro foco de análise é mais específico. Com esse olhar, o leitor observará aspectos mais pontuais da construção do texto. Sendo assim, essa análise dará mais atenção ao uso da linguagem, ou seja, o leitor entende a função que os elementos linguísticos assumem no texto e passa a estabelecer relações com a sua linguagem. Essa análise colabora com a formação do sujeito-leitor na medida em que esse leitor vai constituindo os sentidos por meio das relações estabelecidas pela linguagem do texto.

Concluimos, por fim, que o projeto de leitura que considera essas análises propõe a leitura como ato de constituição de sentidos. Que as análises global e analítica são uma forma de trabalhar com a língua em uso, sendo desnecessário definir classes gramaticais e decorar regras. Que, portanto, há um trabalho com os conteúdos gramaticais sem que o aluno sinta-se desconfortável com as diversas nomenclaturas trazidas pela gramática prescritiva. E, enfim, que o aluno possa tornar-se sujeito do processo de leitura, pois o que está em jogo no ato de leitura é sempre o sentido.

Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa* / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: 144p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>> Acesso em 05 de fevereiro de 2015.

CASTILHO, Ataliba T. de. *O neo-gramático*. Revista Língua Portuguesa, São Paulo, n. 10, ago. 2006. Disponível em <http://revistalingua.uol.com.br/textos/10/artigo248016-1.asp>. Acesso em 05 de fevereiro de 2015.

CALVALCANTI, Jauranice R. *Professor, leitura e escrita*. São Paulo: Contexto, 2010.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: autores Associados: Cortez, 1989.

JOUBE, Vincent. *A leitura*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

JOVER-FALEIROS, R. . *Sobre o prazer e o dever ler: figurações de leitores e modelos de ensino da literatura*. In: Maria Amélia Dalvi; Neide Luzia de Rezende; Rita Jover-Faleiros. (Org.). *Leitura de literatura na escola*. 1ed.São Paulo: Parábola editorial, 2013, v. 1, p. 113-130.

KLEIMAN, Ângela B. e MORAES, Sílvia E. *Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1999.

LAJOLO, Marisa P. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1994.

_____. *O texto não é pretexto*. In: *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 9ª ed. Org. Regina Zilberman, Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

MENDONÇA, Marina C. *Língua e ensino: políticas de fechamento*. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna C. (orgs). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. Vol. 2. São Paulo: Cortez, 2001.

NAUJORKS, Jane da Costa. *Leitura e Enunciação: princípios para uma análise do sentido na linguagem*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

OLIVEIRA, Jossely Bezerra Martins. *Concepções de escrita, texto e gênero textual em relatos de aula de língua materna*. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – REVEL – v. 2, n. 2, março de 2004. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_2_concepcoes_de_escrita.pdf> Acesso em

29 de janeiro de 2015.

ORLANDI, Eni P. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez; Campinas/SP: Ed. UNICAMP, 1988.

POSSENTI, Sírio. *Pragas da Leitura*. Série Ideias n.13. São Paulo: FDE, 1994, p. 27-33. Disponível em <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_13_p027-033_c.pdf>. Acesso em 04 de fevereiro de 2015.

SOARES, Magda B. *As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto*. In: ZILBERMAN, Regina & SILVA, Ezequiel (org.). *Leitura Perspectivas Interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 1991.